

Modelos para leigas e religiosas: os livros do pe. Júlio Maria De Lombaerde (1878-1944)

Nadia Maria Guariza (Unicentro-Irati)

O padre Júlio Maria De Lombaerde em suas ações e em seus livros estava agindo de acordo com uma das tendências da Igreja Católica a partir do século XIX que promovia a feminilização do discurso. Estudiosos demonstram que no século XIX a Igreja Católica diante do recuo do público masculino, aposta no papel feminino na propagação e na defesa do catolicismo na sociedade. Esse processo se intensifica no início do século XX a partir da teoria do círculo concêntricos, segundo Ivan Manoel (1996), a ideia era reconquistar a sociedade a partir das famílias e neste plano as mães de família era um elemento chave, como formadora moral dos seus filhos.

Obviamente, que o foco na família não era exclusividade do catolicismo, outros discursos compartilhavam desta visão, como o médico e o jurídico. Os discursos sobre a família se sobrepõem neste período muitas vezes criando discursos híbridos.

Estes discursos se ancoravam na representação da família nuclear burguesa, formada pelo pai, pela mãe e pelos filhos. Os papéis de cada gênero eram bem delimitados e definidos, o pai deveria proteger e manter a sua família, a ele cabia sair na esfera pública, a mãe deveria ficar na esfera privada e, ser o esteio moral do lar e os filhos deveriam ser protegidos e educados intelectual e moralmente. O papel da mãe era justamente a formação moral dos filhos. Era a chamada teoria da domesticidade que tornava a mulher a rainha do lar e educadora moral. Neste sentido, a Igreja Católica ancorou o seu discurso a partir desta forma binária do período de dividir os gêneros, feminino e masculino.

As ações e os livros do padre Júlio Maria estão dentro dos quadros dos planos da Igreja Católica do período. A ideia é aqui é analisar as ações e os livros do padre Júlio Maria a partir do quadro mais amplo do ultramontanismo e, o marianismo como uma estratégia para estimular a participação dos fiéis.

Ações do padre Júlio Maria De Lombaerde em Manhumirim

“Tendo tomado posse da Paróquia, esperei a hora oportuna para agir, provocando-as durante a pregação do Mês de Maria/. O resultado não se fez esperar. Os protestantes desesperados pela enorme concorrência do Mês Mariano e o entusiasmo dos católicos, espalharam um Boletim, contendo diversas objeções contra a Religião, e mandaram vir um pastor de fora para pregar nas ruas/. Tomei a defensiva e ataquei resolutamente em conferências públicas e pelo jornal “Manhumirim”. O resultado foi extraordinário./ A Igreja encheu-se, o jornal duplicou as tiragens e apesar da resistência tenaz dos pastores a verdade foi vencendo os obstáculos. Cairam-me nas costas uns cinco pastores, com artigo e folhetos, respondi a todos, esmagando-os a um por um, obrigando-os a uma retirada vergonhosa. A opinião pública foi conquistada em favor da verdade...” (apud GUARIZA, 2003, p. 45)

Nesta ata inaugural de 1928 de seus trabalhos paroquiais, o padre Júlio Maria descreveu como a comunidade estava tomada pelas ideias protestantes e maçônicas, apontando que o espírito católico estava fraco. Isso era notável pelo número pequeno de fiéis que frequentava a igreja nas missas de domingo e o número pouco expressivo de leigos nas associações, como por exemplo quinze senhoras no Apostolado da Oração e dezoito moças na União Pia das Filhas de Maria.

As associações leigas, segundo estudos, se constituíram como uma das formas da Igreja Católica atrair e normatizar os fiéis no início do século XX. Neste período as paróquias brasileiras começaram a registrar um aumento de associações leigas, em grande medida resultado do esforço dos padres diretores.

Uma das orientações papais era estimular a vida sacramental intensa. Para tanto, o fiel era acompanhado desde a infância por meio do catecismo, o curso preparatório para a Primeira Comunhão, as crianças aprendiam noções sobre os sacramentos, os dogmas e a moral cristã.

A formação do bom cristão dependia do seu conhecimento da doutrina, por isso o catecismo era um dos elementos básicos da ação pastoral. A criança se tornaria um católico praticante após a Primeira Comunhão, porque daquele momento em diante ela partilharia da Mesa do Senhor com os demais fiéis e poderia ingressar na Cruzada Eucarística.

Os livros do padre Júlio Maria e a representação de Nossa Senhora

Trato os livros do padre Júlio Maria a partir das ideias de Chartier, ou seja, compreendo-os como produtos culturais, produzidos e consumidos. O livro é um

produto que não se encerra nas vontades do autor, ele passa pela edição que pode alterar as intenções iniciais do autor e, também atender as expectativas dos leitores que é outro aspecto que limita a autonomia do autor (CHARTIER, 1988, p. 173-181).

Não basta escrever o que se quer, a escrita tem que ser atraente e provocar a identificação do leitor. Então o que dizer dos livros do padre Júlio Maria, um estrangeiro que teve que realizar um esforço para romper as dificuldades da língua e abrir-se para uma cultura diferente da conhecida por ele. Com certeza, a sua experiência como pároco conferiu um conhecimento para escrever para um público leigo que não dominava a teologia.

Podemos pensar a teologia a partir das ideias de Bourdieu (2007) como um conhecimento de monopólio dos especialistas do sagrado, com um vocabulário próprio de difícil compreensão para os leigos. Por outro lado, os livros do padre Júlio Maria podem ser entendidos com o papel de intermediar a teologia para um público mais amplo numa linguagem mais próxima dos fiéis.

Uma das formas de utilização da imprensa pela Igreja Católica era a publicação de vulgatas, ou seja, obras de cunho popular para a divulgação dos dogmas e dos preceitos da alta hierarquia da instituição. As obras do pe. Julio tinham essa finalidade, na carta aprobatória do livro “A mulher bendita” mencionava “... Fazia-se sentir entre nós a falta de um livro de teologia mariana, mas de uma teologia popular, ao alcance de todos, sem entretanto perder a profundidade e a segurança da doutrina...” (1936).

Grande parte das vulgatas escritas pelo padre tinha o objetivo de rebater os críticos dos dogmas católicos, entre eles, espíritas, cientistas, intelectuais e, sobretudo, os protestantes. O autor servia-se do recurso da polêmica, isto é, rebatia as críticas protestantes extraindo trechos de jornais ou revistas desta religião, contrapondo-os com os dogmas católicos.

Além da aprovação os livros do padre Júlio Maria receberam o recurso necessário para serem produzidos. O padre Júlio Maria escreveu mais de 80 títulos, em poesia e em prosa, incluindo textos em francês. Não obstante contar com a editora O

Lutador, os seus livros também foram publicados por outras editoras como a Vozes e a ABC.

Para Roger Chartier os agentes discursivos não se restringem as ideias que enunciam. Portanto, as ideias do padre Júlio Maria não eram meros reflexos das ideias do Vaticano. Neste sentido, os membros da Igreja Católica com suas ações e opiniões conferiam novos significados a ortodoxia, criando uma diversidade na unidade.

Algumas obras do padre tinham a função de intermediar as doutrinas católicas para um público mais amplo e leigo, sendo assim tinha que transformar o discurso teológico em uma linguagem compreensível para este público. Além disso, segundo Chartier “não há produção cultural que não empregue materiais impostos pela tradição, pela autoridade ou pelo mercado e que não esteja submetida às vigilâncias e às censuras de quem tem o poder sobre as palavras ou os gestos” (1991).

Os livros do padre versavam sobre vários assuntos, contudo o interesse deste texto se concentrou nos livros que autor tratava do culto mariano e de aspectos relacionados à família cristã. A minha intenção era analisar os papéis sociais de gênero, ou seja, os papéis atribuídos aos homens e as mulheres pela Igreja do período. Lembrando que estes papéis não destoavam dos papéis enunciados por outros discursos, como o médico e o jurídico. Todos estes discursos na época compreendiam a família como célula base da sociedade e a esposa e mãe era importante na proteção moral do lar.

Os livros do padre Júlio Maria que tratavam no culto mariano tinham duas preocupações a defesa do culto diante do ataque dos protestantes e a difusão da devoção do culto a Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento.

O pe. Júlio Maria justificou o culto mariano como a extensão da relação mãe e filho, utilizando-se, para isso, de alegorias que remetiam ao ideal materno, atingindo assim tanto o público feminino como o masculino. O culto mariano estabelecia um caráter relacional entre a figura materna e os filhos, explorando de maneira sagaz a afetividade dos fiéis, como é observável no trecho a seguir no livro “Por que amo Maria”

“A primeira atitude de uma mãe é enternecer-se e inclinar-se, amorosa, com uma dedicação sem reserva, para a criancinha que vem ao mundo tão desprovida e tão fraca. Falta-lhe tudo. É preciso que sua mãe veja e ouça por ela. Não há miséria mais impotente que a sua. (...) o amor de Maria é puramente misericordioso porque sua maternidade não vem castigar, mas somente santificar e consolar.” (1960, p. 390)

É perceptível a representação da mãe cristã como educadora moral do lar. A mãe era considerada a responsável pela educação religiosa dos filhos, ensinando-lhes os dogmas, as orações e a moral cristã. Por isso, as mulheres deveriam ser preparadas para esta missão materna por meio das associações, dos livros, dos manuais e dos colégios femininos.

Nesta perspectiva, o padre descreveu como uma mãe cristã deveria se portar utilizando-se do exemplo de Maria em “Por que amo Maria” ...

“Ser mãe significa ser vigilante, doce, condescendente para um o ser pequeno, fraco e necessitado que a Providência lhe confiou. Ser Mãe dos homens é trazer em suas entranhas esta humanidade, desfigurada e ingrata, sem dúvida, mas algumas vezes nobre em suas aspirações, em seus esforços e em suas lutas (...) Uma mãe não se cansa de empenhar-se junto ao seu filho, culpado, nada poupando para reconduzi-lo: exorta, repreende, ameaça e pune mesmo com pesar. Seu coração descobre indústrias que se não encontram senão em um coração de mãe e, quando tudo está esgotado, recorre à sua última arma, a mais eficaz de todas: as lágrimas.” (1960, p. 381-2)

Neste sentido, as ideias expressas pelo padre Júlio Maria em seus livros sobre Nossa Senhora procuravam fornecer modelos de comportamento para as fiéis. É perceptível que a feição esboçada para a mãe cristã compunha a de uma guardiã que deveria ser vigilante, repreendendo e até punindo o seu filho que poderia fraquejar diante das tentações da sociedade e se desviar do caminho correto do catolicismo.

Livros do pe. Júlio Maria sobre a vida de religiosas: criando modelos de conduta e de espiritualidade

Outros livros do padre Júlio Maria narravam a vida de religiosas brasileiras com o objetivo claro de motivar a vida dos religiosos no Brasil. No entanto, as biografias se concentravam em mulheres que tornaram-se freiras.

De acordo com Wernet (1987), uma das primeiras medidas da política ultramontana no Brasil foi o fortalecimento do clero, por meio do envio de ordens religiosas para o país, com a finalidade de expandir a rede de controle da Igreja. Desse modo, a preocupação do pe. Júlio Maria era formar padres e freiras brasileiros, sendo assim, os seus livros, que tratavam de religiosas brasileiras, publicados nas décadas de 1930 e 1940, tinham o objetivo de estimular o ingresso de jovens à vida religiosa.

A hagiografia apresenta variações em suas histórias, em certos períodos algumas virtudes são destacadas ou minimizadas, de acordo com os interesses do emissor da história (CERTEAU, 2006). Sendo assim, no século XIX e início do XX, a hagiografia se configurou como mais uma estratégia de reconquista da sociedade, pois pela ótica ultramontana na luta contra seus inimigos era necessário formar soldados, ou seja, padres e freiras.

Esses religiosos tinham papel fundamental na disseminação do poder da instituição na sociedade. Com a organização de novas paróquias, colégios e hospitais mantidos pela Igreja Católica era necessário manter o recrutamento de jovens para as fileiras católicas. Desse modo, a preocupação do pe. Júlio Maria era formar padres e freiras brasileiros, sendo assim, os seus livros, que tratavam de religiosas brasileiras, publicados nas décadas de 1930 e 1940, tinham o objetivo de estimular o ingresso de jovens à vida religiosa.

Quais virtudes eram destacadas pelo padre? Nestes livros ele procurou demonstrar que o Brasil precisava de religiosas e que, apesar dos sacrifícios, até temperamentos mais instáveis e indomáveis poderiam ser transformados.

Em seu livro “Um anjo da Eucaristia” (1948), o padre observava que o Brasil não deu ainda nenhum santo à Igreja, por causa da escassez da vida religiosa no país, porque a vida religiosa é a grande fonte da santidade.

Esperamos – com toda a energia de uma esperança cristã – que desta legião de sacerdotes, de religiosos e de virgens consagrados a Deus, hão de sair almas generosas, palpitantes de amor, para levantar a fé em nossa querida pátria, e dignificá-la pela glorificação de um de seus

filhos... Mas é preciso aspirar a esse fim, e a aspiração nasce do conhecimento, apóia-se nos exemplos e se alcança pelo entusiasmo que nos comunica o ideal entrevisto... Ó querida Irmã Celeste, possa tua coragem, tua força de vontade, teu amor suave e forte a Deus e às almas, apressar esta hora bendita! (Lombaerde, 1948, p. 23-4).

Sendo assim, o padre, ao narrar a vida de Irmã Celeste, desejava torná-la modelo para as moças e moços, no sentido de ingressarem na vida conventual, e quem sabe em breve contar com um rebanho de santos no país. De acordo com Michel De Certeau (2006), a hagiografia por essência é o discurso das virtudes e as virtudes fornecem a base da narrativa. Essas unidades de virtude se manifestam em diversos títulos. A hagiografia exemplar se situa na intersecção entre a comunidade religiosa que a criou e a sociedade mais ampla. A combinação das virtudes atribuídas a determinados santos seria variável conforme a distância temporal de sua criação pela comunidade religiosa e a configuração social da sociedade.

O que percebemos é que as personagens escolhidas pelos hagiógrafos obedecem tanto a princípios de ordem institucional – ou seja, o que a igreja espera dos fiéis – quanto mobilizam elementos de identificação e de cunho emocional para promover a identificação dos fiéis. Neste sentido, a hagiografia não é apenas imposição, é um território de negociação da norma e da prática cultural dos fiéis.

Considerações finais

A Igreja ultramontana criou modelos de comportamentos para leigas e religiosas, em ambos os casos visavam objetivos específicos para estas mulheres no quadro de reconquista da sociedade para o catolicismo. No caso das mães, elas deveriam comportar-se de maneira obediente aos parâmetros morais católicos e educar os filhos para seguir o catolicismo. Por outro lado, as freiras deveriam estender os cuidados maternos espirituais, como os de Nossa Senhora, para à sociedade com o trabalho na educação de crianças e no cuidado de enfermos no hospital. Leigas e religiosas se configuravam como duas faces da mesma representação mariana, da virgem e mãe.



Referências

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 4. ed. Brasília: UNB, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CERTEAU, M. De. Hagiografia. In: _____. **A escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, p. 173-190, 1991.

_____. Textos, impressos, leituras. In: _____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1988. p. 173-191.

GUARIZA, N. M. **As Guardiãs do lar: a valorização materna no discurso ultramontano**. 148 p. Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba, 2003.

LOMBAERDE, J. M. De. **Almas sacramentinas ou vida de três religiosas brasileiras**. Manhumirim: O Lutador, 1943.

_____. **Um anjo da Eucaristia ou vida de uma religiosa brasileira Irmã Maria Celeste (1905-1922)**. Manhumirim: O Lutador, 1948.

_____. De. **A Mulher Bemdita denate dos ataques protestantes ou respostas irrefutáveis: às objeções protestantes contra o culto da Sma. Virgem Santíssima**. Manhumirim: O Lutador, 1936.

_____. **Os ensinamentos de Nazareth ou mez pratico da Sagrada Família: 31 leituras sobre a vida de Jesus, Maria e José em Nazareth**. Manhumirim: O Lutador, 1941.

_____. **Por que amo Maria: tratado substancial e completo dos principais motivos de devoção para a com a Virgem Maria segundo santos padres, os doutores e os santos**. São Paulo: Paulinas, 1960.

LIVRO TOMBO DA IGREJA MATRIZ DE MANHUMIRIM, 1928-1940.

MANOEL, Ivan. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do caonservadorismo**. São Paulo: UNESP, 1996.

WERNET, A. **A igreja paulista no século XIX: a reforma de D. Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)**. São Paulo: Ática, 1987.